ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Desestruturação familiar no Contexto dos personagens Leonardo Pataca Filho em Memórias de Um Sargento de Milícias e O Meninão do Caixote em Patuléia.

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
RG Nº 5924
Data 26/01/00

S586d

Pontes e Lacerda (MT), novembro de 1999.

Turma-1999/2

Ex. 01

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

Desestruturação familiar no Contexto dos personagens Leonardo Pataca Filho em Memórias de Um Sargento de Milícias e O Meninão do Caixote em Patuléia.

Idelma Rodrigues da Silva

Ensaio Monográfico intencionado pela disciplina de Estágio supervisionado do ensino de Língua Portuguesa e Literatura do VIII semestre, para fins de conclusão do curso de licenciatura plena em letras, no Campus Universitário de Pontes e Lacerda (MT).

Pontes e Lacerda (MT), novembro de 1999.

À minha netinha Gislene e a todos os professores deste Campus Universitário, os quais, com esmerada boa vontade e dedicação me orientaram não só na elaboração desse ensaio monográfico, como também em todas as etapas de interação acadêmica.

O homem em seu contexto social, sofre e exerce influências, boas e más, entretanto deve levar em consideração que, **Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes. (1 Coríntios 15:33. SBB – RA).**

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

APRESENTAÇÃO

É sabido que a literatura brasileira teve seus primórdios num tempo em que o Brasil era colônia de Portugal. Sendo assim, parece-nos até natural que as produções literárias, do período colonial, seguissem modelos europeus, uma vez que os nativos, habitantes naturais do país, não eram alfabetizados e os únicos letrados por aqui, eram de fato europeus.

Houve neste período uma estagnação e rotina nos processos literários, que os manteve num estágio de isolamento. A esse respeito José Veríssimo, em *História da Literatura Brasileira* de Nelson Werneck Sodré, faz um apanhado do início da literatura brasileira, bem como uma crítica a toda manifestação literária desse período. Assim, Veríssimo escreve:

> A literatura brasileira (sua mãe, à portuguesa) é uma literatura de livros mortos, sobretudo de nomes (...) Houve no período colonial um isolamento literário, o que proporcionou a estagnação e rotina dos processos. Tudo encontrava o seu lugar, fixo, marcado, imutável (...) O gênero de vida integrado a esse ponto nos hábitos, torna-se um meio limitado, no qual a inteligência murcha[1].

A exposição do fragmento anterior, vem confirmar que as crenças, os hábitos, o conhecimento, os valores, que caracterizavam o povo brasileiro eram oriundos da cultura européia.

No entanto, houve já na segunda metade do século XIX, a ascensão de uma nova classe e junto, há tantos elementos que haviam caracterizado a fase colonial, fatos novos com uma importância crescente. Houve um reboliço gerando mudanças em todos os

[1] VERÍSSIMO, José. apud. SODRÉ, Nelson Werneck. História da Literatura Brasileira. 9ª ed, pp. 10-15. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

setores da sociedade brasileira, um momento de transição. Até então, tudo que se escrevia estava voltado para ficção e o mascaramento da realidade, mas, *Memórias de Um Sargento de Milícias* de Manoel Antônio de Almeida foge a tais convenções, retratando o cotidiano das classes baixas fluminenses, no início do século XIX.

Pensar na instituição família diante de tal quadro é, primeiramente buscar a história, para saber como se relacionavam os integrantes desse processo. Partindo da obra *Memórias de Um Sargento de Milícias* e do conto *O Meninão do Caixote*[2], busquei nos personagens Leonardo Pataca Filho e o Meninão do Caixote, ambos adolescentes e com histórias de vida semelhantes, analisar a *desestruturação familiar* como sendo uma das causas, que poderia levar o adolescente ao desequilíbrio emocional.

Os personagens são frutos de famílias desestruturadas, entretanto Leonardo sofre maus tratos por parte do pai e acaba sendo abandonado pela mãe, em seguida, deixado pelo pai, aos cuidados de seu padrinho, o qual não mediu esforços para educá-lo. Já o Meninão do Caixote, embora criado com os pais - que viviam em conflitos - uma vez por outra era privado temporariamente da presença do pai, nesse ínterim, era influenciado por um sujeito de má índole, levando-o ao mundo da malandragem, ao vício.

A delimitação e opção pelo tema, se devem ao fato do contato que mantenho com jovens e adolescentes, membros de classes sociais diferentes. No entanto, outro motivo acrescenta-se a este, estando ligado a uma vivência passada. Durante algum tempo tive o desprazer de observar garotos de rua - roubando bolsas, pendurando-se nas traseiras de coletivos, cheirando cola, cocaína, dormindo nas calçadas. Tudo isso contribuía para que se tornassem alvos fáceis para traficantes. Esta realidade sempre me

---

[2] ANTÔNIO, João: O Meminão do Caixote in Patuléia. pp. 23-46. Ed. Ática S/A – São Paulo, 1996.

incomodou, deixando-me intrigada.

O objetivo a que me proponho, como supra citado, é de apresentar os personagens em seu meio ficcional - convivência social e familiar – relacionando-os.com realidade por meio da ciência toda esta estruturação / desestruturação: a sociologia – ficção e realidade caminhando para representar a humanidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para falar da desestruturação familiar, a qual envolve o sujeito em sua relação com o meio, é relevante buscar fundamentação teórica que sirva de base para a análise a que me proponho.

A interação social é uma base sobre a qual lanço minha pesquisa, ela trabalha de acordo com três pressupostos básicos, como aborda Angel Pino em "A interação Social: Perspectiva Sócio-Histórica[3]." Este estudo contém reflexões que norteiam a compreensão do conceito de interação social numa perspectiva social-histórica, as quais contribuirão para analisarmos os personagens Leonardo Pataca Filho, de "Memórias de um Sargento de Milícias", e "O Meninão do caixote", de João Antônio, no contexto da desestruturação familiar.

A psicologia faz uma adaptação lógica entre as ciências biológicas associadas ao indivíduo e as ciências sociais associadas ao meio.

Pino constatou que a maioria, das teorias psicológicas, apropriam-se de uma visão naturalista e positivista do homem e do meio. Entretanto preponderou-se o modelo biológico, influenciando inclusive as correntes sociológicas.

Na visão naturalista o homem é retratado de forma orgânica, desconsidera-se o aspecto humano, isto é, ignora a natureza histórica e cultural do indivíduo, embora o releve como um organismo mais complexo, equiparando o mesmo às leis biológicas: evolução, hereditariedade e adaptação ao meio.

---

[3] PINO, Angel. O conceito de mediação semiótica em Vigotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. In.: CADERNO CEDES, 24, pp. 32-43. Campinas – SP. Papirus, 1991.

A relação indivíduo-meio é vista como produto biológico e não cultural, indivíduo e meio são duas realidades distintas, essas relações devem ser vistas com adaptações. O processo adaptativo varia do ponto de vista teórico, mas não nos princípios. Assim Piaget conceitua que "o indivíduo assimila, acomoda e equilibra informações."

A concepção positivista contém também princípios naturalistas, entretanto acrescidos da diversidade dos equipamentos biológicos, suscitando assim a questão "interação social". Consequentemente ao fazer esta abordagem constata que para definir o homem é irrelevante entendê-lo além dos aspectos orgânicos, considerando que o indivíduo também é, produto da linguagem.

Ao longo dos anos, pensamento e linguagem permitiram ao homem ir atribuindo significado ao mundo. Essa transmissão de significados, através de linguagem, não se dá de uma única forma, varia conforme as características dos falantes, seu lugar e grupo de origem; dependendo do contexto em que se dá, essa interação pode assumir formas diversas.

Retomando os pressupostos básicos da teoria sócio-histórica, Pino postula como primeiro pressuposto "o homem em seu sentido genérico." Nesta concepção o homem não é apenas produto do meio, ele é sujeito ativo no movimento que cria esse meio, essa realidade.

Segundo Marx, é nas relações com o mundo, que o homem vai se formando. Essa teoria se baseia na relação homem-natureza. Para ele o homem é parte da natureza, foi criado por ela e está submetido às suas leis porque depende dela. Marx naturaliza e humaniza o homem e a natureza, isto é, são pólos de uma única totalidade, em que a existência e compreensão de um pólo, só se faz em função do outro. Tanto Marx quanto

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Engels, partem do princípio que para o homem fazer história, faz-se necessário que este tenha condições de sobrevivência, isto só é possível através do trabalho.

Na visão marxista, o desenvolvimento das faculdades humanas está diretamente relacionado à evolução histórica das necessidades e dos interesses culturais. O desenvolvimento do pensamento é medido pela linguagem, e esta nada mais é do que a própria consciência real, prática, e tal como a consciência, a linguagem nasce da necessidade de intercâmbio entre os homens. É a partir da linguagem que o homem apropria-se do conhecimento construído sócio-historicamente.

O segundo pressuposto parte do conceito de que todas as funções psíquicas do indivíduo são de natureza e origem sociais. Sendo assim, neste contexto o sujeito tem que se relacionar com o meio de forma contextualizada com a história do homem, onde as relações se dão num processo que parte do externo para o interno. Nessa dimensão há uma inversão da concepção naturalista "que coloca no próprio indivíduo a origem das funções psíquicas, tal fato contradiz à experiência histórica".

Para Vygotsky, o desenvolvimento do indivíduo no interior do grupo social é lento, permitindo-lhe desenvolver pensamento, linguagem, consciência e adquirir saberes e habilidades já desenvolvidas pelos homens ao longo de sua história. O homem não é apenas produto do meio, mas sujeito ativo no movimento que cria esse meio, essa realidade.

Nesse sentido, Pino toma como terceiro pressuposto, a atividade humana mediada semioticamente, significa que o relacionamento do homem com o homem será possível mediante um sistema de signos, este por sua vez, constitui-se fundamentalmente de semelhantes - no nível semântico; e diferente - no nível fônico, podendo ter o mesmo significado, mas não o mesmo valor.

A língua é imposta por ser um sistema de signos convencionais, proporciona várias possibilidades de interação entre o sujeito e o meio social em que ele atua, tornando-se essencial em todos os níveis sociais de uma civilização, funcionando de formas diversas entre os falantes de cada sociedade.

Isto vem reafirmar a concepção de que as funções psíquicas do homem, são de origem e natureza sociais, uma vez que este, "influencia e é influenciado pelo meio, sendo a história um processo de constituição dos sujeitos e dos sentidos que estão à deriva, que vêm à ação a partir da afetação desse sujeito." (ALMEIDA, 1998). Como diria a Análise do Discurso: "O sujeito é uma categoria teórica, é uma representação social que pode ser apresentada".

Os enredos de: "Sargento de Milícias" e, "O Meninão do caixote", abordam aspectos comuns, quanto ao meio em que vive os seus personagens, dos quais cito "a malandragem; o desinteresse pela escola; são influenciados facilmente; a mesma classe social", e outros. Esses elementos são altamente relevantes na justificativa do recorte, onde apresento pressupostos que evidenciam e destacam a desestruturação familiar como uma, dentre as muitas causas existentes, que conduzem o ser humano a um processo de formação desajustada e degradante, fato evidente na vida dos personagens mencionados.

Os aspectos culturais e sociais suscitados nas obras citadas, constituem os pontos fundamentais desta análise. Sendo assim, é relevante enfocar algumas noções sobre literatura e arte, visto ser evidente o cunho literário das obras. Sua descrição fotográfica nos remete, enquanto leitores, à precisa localização delas no seu contexto histórico-social.

Essa interação do sujeito com o meio, é mediada pela linguagem. Sendo a arte

uma expressão viva da linguagem, constatamos que o homem ao longo de sua evolução, tem retratado em suas produções artísticas, a sua história, utilizando-se de símbolos diversos, constituindo fontes de interpretações para a humanidade. Considerando o tema: arte, é pertinente apresentar as considerações que Maria Helena Pires e Maria Lúcia Arruda[4], fazem a respeito.

Desde o período medieval, a arte já se fazia abrangedora das questões triviais que ocorriam no dia-a-dia, os costumes exóticos e peculiares aos anseios políticos e sociais do povo. Os artistas desde então, vêm buscando formas de expressão.

Assim, para melhor compreendermos como se processa a análise de uma obra de arte, se faz necessário claras informações sobre os aspectos estéticos que a obra possui.

A informação estética nos mostra que uma obra de arte pode ter interpretação de senso comum, ou não, não precisa ser agraciada por um grande público, mas independente de qualquer um destes elementos, ela continua a existir e podemos somar-lhe ainda, as características de não ser uma linguagem que possa ser descrita por outras linguagens.

Peculiar ainda à estética, são as múltiplas leituras que podemos conceder a uma obra de arte, pois, a arte é uma obra aberta, o seu universo permite diferentes interpretações; característica que traz à arte um ar de contemporaneidade, nunca se torna ultrapassada. Ao inovar e dar aspectos irreverentes à obra de arte, os artistas não o fazem gratuitamente; na verdade são estes subsídios que dão significado à obra.

---

[4] ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, M.ª Helena Pires: Filosofando: Introdução à Filosofia. 2.ª ed., rev. e atual. – pp. 345-361 – São Paulo: Moderna, 1993.

Nessa perspectiva, a compreensão de uma obra por um mesmo leitor, em diferentes momentos poderá atribuir-lhe leituras variadas, evidenciando seus múltiplos sentidos, os quais são notados mediante a sensibilidade de seus receptores. Além disso, a arte estimula o sujeito a perceber, compreender e relacionar tais significações sociais, já que estas manifestações artísticas revelam modos de perceber, sentir e articular significados e valores que orientam os diferentes tipos de relação entre os indivíduos na sociedade.

O conhecimento revelado por ela, abre perspectivas para que o sujeito tenha uma compreensão do mundo, na qual a dimensão poética esteja presente. Para que haja essa interação entre o sujeito e arte, Maria Helena Pires e Maria Lúcia Arruda, dizem ser necessário que esse sujeito...

> (...) tenha um conhecimento de história geral, de história da arte e dos estilos, de história dos valores e da filosofia da época em que a obra foi criada, para poder situá-la em seu contexto, porque a arte traz um conhecimento de mundo e não somente o conhecimento de uma obra[5].

Dessa forma qualquer que seja o contexto de cada época, fazer arte sempre teve e sempre terá a ver com a capacidade de recriar significados, perturbar os sentidos, emocionar, fazer pensar, ousar, dizer o não dito, e isto, a arte literária faz com destreza.

Ao refletir sobre literatura a partir dos parâmetros vistos em arte,

> (...) ante a modos de apreensão e interpretação do real, significa estar diante de um inusitado tipo de diálogo, regido por jogos de aproximação e afastamento, em que as invenções da linguagem, a instauração de pontos de vista particulares, a expressão da subjetividade, podem estar misturadas a citações do cotidiano e mesmo a procedimentos racionalizantes[6].

---

[5] ARANHA & MARTINS, 1993 – op. Cit. P. 358

[6] PCN_ Parâmetro Curricular Nacional – Língua Portuguesa. Vol. 5ª - 8ª.

Esta citação do PCN, é oportuna para iniciar algumas reflexões sobre literatura, tendo como base teórica as considerações de Werneck, o qual faz um enfoque de concepção literária, sob ângulo histórico, considerando em dados momentos, as concepções de alguns críticos, historiadores literários.

A literatura, desde os seus primórdios, por alguma razão, omitia alguns aspectos sociais, dentre eles a história da massa oprimida pela elite. Deve-se ter claro que, a literatura tinha duas funções, a de dar prazer, distrair, e a de neutralizar, o que a deixava numa condição estática, já que servia aos interesses da elite capitalista, a burguesia. Frente a essa estagnação qualquer esforço de criação artística era condenado.

Até então tudo o que existia no campo literário, a nível de Brasil, era imitação dos modelos europeus, o Brasil não possuía individualidade política, nem literária, nem mesmo a independência propiciou mudança nesse cenário. Entretanto, para alguns críticos, essa mudança aconteceria no momento em que a literatura retratasse e refletisse sobre a realidade do Brasil Colônia.

Influenciada por teorias emergentes, a obra literária, aos poucos, deixa de ser "primitiva dos puros, atividade misteriosa, pertinente a uns poucos", e sob uma outra dimensão busca-se formas para a elaboração de uma literatura autêntica, combatendo a falsidade da arte pura, desinteressada.

Mediante a esse contexto vão surgindo gêneros literários que procuram efetivar mudanças significativas na vida histórica e cultural da humanidade. O escritor, enquanto artista, recorre à linguagem escrita como instrumento para expressão dos ideais literários que almeja.

Os períodos literários no Brasil iniciam-se com o "Quinhentismo", literatura de informação: cartas, epístolas, tratados, diálogos, todos com objetivo de informar sobre a

terra descoberta. A partir de então seguiram-se o Barroco, o Classicismo e o Romantismo - movimento no qual surgiu "Memórias de um Sargento de Milícias".

Este é um movimento que configura um estilo de vida e de arte cristalizados na civilização ocidental. Reflete no meio artístico, as mudanças históricas do período compreendido entre a Segunda metade do século XVIII e a primeira do século XIX, acentuado pelo apogeu do processo de transferência da liderança histórica da aristocracia para a burguesia.

Influenciado pela Revolução Francesa, o Romantismo chega ao ápice e, a partir daí, os ideais de "liberdade, igualdade e fraternidade" ecoam pelo mundo todo proclamando transformações. Os donos do poder não são mais o clero e a nobreza.

Apoiados pelo "povão" a burguesia teve sua ascensão, o que provocou um deslocamento do público consumidor da literatura, que passou a ser o burguês não mais o nobre, acarretando a substituição da arte clássica aristocrática, pela arte romântica, de cunho nacional e popular.

Este novo público leitor ansiava por uma expressão artística, que fosse, ou uma forma de entretenimento, ou projeção de seus gostos e anseios, o que incitou o aparecimento do romance folhetinesco.

Assim, o Romantismo se desenvolveu nos mais diversos campos, adquirindo múltiplas características, dentre elas, o predomínio da emoção; do sentimento - o sbjetivismo - a imposição do "eu artístico," à realidade se dá de forma radical, a realidade é captada pelo prisma pessoal do poeta. A evasão ou escapismo, projetou-se das formas mais diversas, duas delas: a morbidez e o desejo de morrer. Como em todas as formas projetadas no escapismo, há indicativos de distanciamento do mundo e da vida.

Temas interessantes são reforçados pela multiplicidade de assuntos que oferecia o mundo da época, com seus conflitos, transformações e interesses. "O nacionalismo, com temas nacionais: do folclore, da cor local, do passado histórico, místico e lendário." Veio também a religiosidade, "o ilogismo que com a exacerbação do subjetivismo fez com que os românticos acreditassem em si mesmos e nos mundos que criavam, mesmo quando essa atitude feria a lógica e a razão". E nessa crescente complexidade deleita a idealização da mulher, sempre "convertida em anjo, figura poderosa e inatingível, capaz de mudar a vida do homem, de levá-lo à morte e à loucura". A tônica do romantismo é a "liberdade de criação e despreocupação com a forma".

Nessa intrincada rede de interdependências a que chamamos gêneros literários, manifestada ao lado da poesia e do teatro, a ficção, entendida como "Romance, Novela e Conto, completa o quadro dos gêneros preferidos do romantismo".

A respeito de romance Hênio Tavares escreve: "(...) foi com o Romantismo que o romance atingiu sua plena maturidade e afirmação como espécie literária (...) Romance é a vida e o conto é o caso, a anedota[7]".

Pode-se dizer que romance é uma narrativa longa e a evolução atualizada da epopéia, impregnada da questão da verossimilhança. Entre as modalidades de romance cultivadas no Brasil destacam-se: o romance de Manuel Antônio de Almeida, "Memórias de um Sargento de Milícias," inicialmente editado em folhetim, sob o pseudônimo de "Um brasileiro".

Segundo Bosi, é uma obra de tom humorístico que faz registros de costumes do Rio Colonial, na época de D. João VI, que rompe a tensão entre bem e mal, herói e vilão, os personagens são impulsionados pelas necessidades de sobrevivência. "O valor

---

[7] TAVARES, Hênio. Teoria Literária. 10ª ed. P. 121. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: VILA RICA, 1991.

realístico da obra, reside em ter captado, pelo fluxo narrativo, uma das marcas da vida na pobreza que é a perpétua sujeição à necessidade sentida de modo fatalístico como o destino de cada um. É um realismo espontâneo[8]".

Por outro lado, conto é uma narrativa curta, com um núcleo narrativo, um ou dois personagens, narrado em apenas um tempo, um espaço, com início, meio e fim. Esta é uma visão tradicionalista de conto, porém, o conto experimental moderno possui mais de um núcleo, é uma narrativa longa com vários personagens, tempos e espaços, dispensando o fim do enredo. O conto pode estar vinculado a outras manifestações artísticas (o teatro por exemplo).

Partindo destas concepções, "O menino do Caixote" de João Antônio acopla às definições de "conto experimental moderno". Não só o conto "O Meninão do Caixote" como outros de sua autoria, retratam aspectos corriqueiros, peculiares à sociedade, suas obras fazem emergir no cenário literário tipos singulares de heróis, como os malandros, jogadores de sinuca entre outros.

Dentro dessas concepções salientadas me pautarei a analisar os personagens Leonardo Pataca Filho e o Meninão do Caixote, para refletir sobre a desestruturação familiar configurada na conjuntura social em que vivem, evidenciada na obra como um dos fatores que determinou trilhar pelo caminho da sobrevivência.

---

[8] BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 3ª ed., 18ª tiragem. P. 147. São Paulo: Cultrix, 1994 / 97.

AUTORES E OBRAS

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

Manuel Antônio de Almeida nasceu no Rio de Janeiro em 1831. Era pobre, mas isto não o impediu de concluir seus estudos preparatórios no colégio São Pedro de Alcântara. Freqüentou a academia de Belas Artes , porém percebeu que a vocação para as artes plásticas era enganosa e desistiu. Foi admitido na escola de medicina em abril de 1848 concluindo o curso em 1855, não seguiu carreira.

Muito pobre, Manuel Antônio de Almeida tinha não só de custear seus estudos como também de ajudar financeiramente a família. O jornalismo surge como uma opção imediata, o que veio ao encontro da vocação do autor, já que gostava de escrever. Trabalhou assiduamente desempenhando o cargo de revisor e redator no jornal Correio Mercantil. Isto viabilizou a emissão em folhetins de Memórias de Um Sargento de Milícias, sob o pseudônimo de "um brasileiro".

No jornal, Manuel Antônio escreveu crônicas, críticas literárias, reportagens e até artigos médicos. O Correio, jornal em que trabalhava, era um porta voz das tendências liberais, e as críticas formuladas por ele correspondiam à posição pública do jornal, suas produções publicadas na seção Ao correr da pena, eram comentários sobre situações do cotidiano, fatos e costumes da época, tratados com leveza e humor, algo bem próximo ao tom de "Memórias de Um Sargento de Milícias'. Publicou também poemas em revistas literárias e participou de uma coletânea denominada "Harpejos Poéticos", o que lhe rendeu o título de literato[9].

---

[9] MACHADO, Duda. In Memórias de Um Sargento de Milícias. pp. 3-4. São Paulo: Ática, 1998.

O autor ainda exerceu a função de administrador da Tipografia Nacional e o cargo de oficial de secretaria do Ministério da Fazenda. Por fatalidade do destino teve sua vida ceifada no naufrágio do vapor "Hermes," quando se dirigia a Campos, em viagem eleitoral, ocasião de sua candidatura a deputado provincial.

Sua obra, "Memórias de Um Sargento de Milícias", surge a partir de suas conversas com seu amigo português Antônio César Ramos, o qual era sargento aposentado e dispunha de um repertório muito grande de aventuras e anedotas. Consta ainda que conhecera o major Vidigal, o lendário e todo poderoso chefe de polícia, convertido em personagem da obra.

O romance traz em seu enredo a história de um jovem que abandonado pelos pais aos sete anos de idade, fora criado por um padrinho e mais tarde apoiado pela madrinha. Este jovem, Leonardo, era filho de imigrantes portugueses, que se conheceram em viagem para o Brasil. A bordo do navio, seu pai, também de nome Leonardo Pataca, ao passar pela jovem, Maria da Hortaliça, fingiu-se distraído...

> ...e com o ferrado sapatão assentou-lhe uma valente pisadela no pé direito. A Maria, sorriu-se como envergonhada do gracejo e deu-lhe também um ar de disfarce um tremendo beliscão nas costas da mão esquerda[10].

Ao desembarcar em terras brasileiras, Maria constatou que estava grávida, resolveram morar juntos. Sete meses depois nasce um menino, manifestação clara dos efeitos da pisadela e do beliscão. Devido a isso, diz-se que Leonardo nasceu de uma pisadela e de um beliscão.

Leonardo cresceu presenciando as constantes discussões de seus pais e sofrendo agressões tanto físicas, quanto verbais pelo pai. O relacionamento de seus pais ía de mal

[10] ALMEIDA, 1993_op. cit. p. 18.

a pior, seu pai andava desconfiado que sua mãe estava lhe faltando com o respeito. Confirmadas as suspeitas, Maria da Hortaliça, abandona o filho e regressa a Portugal em companhia de um capitão de navio.

Após o abandono, a vadiagem passou a ser seu passatempo predileto, há em si um temperamento *folgazão e traquina,* tem verdadeira aversão aos estudos e à qualquer tipo de trabalho. Seu padrinho cheio de boas intenções, procura no afilhado alguma vocação, não percebendo qualquer tipo de interesse tenta induzi-lo à vocação religiosa, arranja-lhe a função de coroinha na igreja local. No entanto, o jovem tanto aprontou que perdeu o cargo que ocupava na igreja.

Tempos depois, seu padrinho veio a falecer fazendo de Leonardo seu herdeiro universal. O pai do jovem, notificado do ocorrido, prontificou-se para cuidar do filho. Na casa de seu pai, que já havia constituído uma nova família, tudo era flores, nos primeiros dias. Entretanto, a alegria durou pouco, o jovem não foi bem aceito pela madrasta, o que tornou curta sua estadia na casa de seu pai.

Quando discutia com sua madrasta, mais uma vez o rapaz sente o desprezo do pai ao ouvir suas palavras *(...) se já uma vez te dei um pontapé que te fez andar muitos anos por fora, dou-te agora outro que te ponha longe daqui para sempre(...)*[11] Leonardo não teve escolha, tendo-lhe ficado na memória, por toda vida, um terror instintivo do pai depois daquele pontapé e agora diante do pai armado com o espadim, foge de casa para se salvar. Novamente acabava de receber outro pontapé do pai, ou seja, pela segunda vez fora excluído do convívio familiar.

Homem feito, apaixona-se por Luizinha, mas a jovem ao vê-lo engraçar-se com Vidinha, casa-se com José Manuel. Vidinha, Leonardo conheceu na súcia, quando

[11] ALMEIDA, 1993_op. cit. p. 92.

caminhava sem rumo pela praia, na ocasião em que fora expulso da casa paterna, um amigo apresentou-a. Fora convidado a pernoitar na casa da jovem. Durante sua estadia conquistou não só a simpatia das tias da jovem, como também o coração de Vidinha, que por sinal era atraente e alegre, o oposto de Luizinha, que era fechada e triste.

Preso pelo Major Vidigal é liberto como praça. Leonardo não se torna policial por ser um exemplo de comportamento, mas por conhecer a vida marginal e facilitar o acesso de Vidigal a ela. No entanto, tenta trapacear o Major Vidigal numa diligencia, sendo novamente posto atrás das grades, mas o jovem parecia ter a sorte grande, com a intervenção de Maria Regalada, ganha a liberdade e a promoção a sargento de milícias, mais uma vez Leonardo, um vadio, é ajudado por outras pessoas.

Nesse ínterim, morre José Manuel, Luizinha torna-se viúva, diante disso, Leonardo não desperdiça a chance de reconquistar seu grande amor. Casa-se com ela. Outra vez, sem lutar é favorecido pela sorte, recebeu nova nomeação, a herança do padrinho e a mão de Luizinha, agora está integrado à sociedade.

JOÃO ANTÔNIO

O autor João Antônio, tão renomado quanto Manuel Antônio de Almeida, pertence a este século (década de sessenta), também teve seu lugar no pódio junto à crítica literária, por ser considerado um dos melhores contistas na contemporaneidade. Foi um escritor com grande número de livros publicados, foi duas vezes contemplado com o prêmio *Jabuti*, tem obras traduzidas para vários idiomas.

Segundo arquivos do *Jornal Proleitura* o contista João Antônio foi aclamado pela crítica e público já no seu primeiro livro *Malagueta Perus e Bacanaço* em 1963,

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

com esses contos a literatura brasileira via surgir em suas páginas, heróis que pouco tinham sido destaque até então. Além de contista foi jornalista, seus textos jornalísticos trazem a marca de uma escrita ágil, cuidada, que além de fornecer a informação, não deixa de lado a reflexão.

A sua produção jornalística não foi realizada para os grandes jornais. Mesmo que tenha escrito para jornais como o *Jornal do Brasil*, João Antonio colaborou, sobretudo, com a imprensa alternativa, tendo sido inclusive diretor de algumas publicações, como o *Livro de cabeceira do homem*. Para o autor, a badalação que cerca determinados círculos era insuportável.

"João Antônio tinha uma visão pessimista dos governantes do país e descrédito com o mundo das letras, ele sempre se recusou a participar de cerimônias oficiais e reuniões com autoridades e rodinhas literárias, odiava o protocolo, a gravata e os tapinhas nas costas. Seus lugares prediletos eram bares e restaurantes populares, rodas de samba e outros lugares em que havia gente simples, com vida sofrida mas a alegria forte de quem tem pouca chance de ser feliz, nestes momentos ele se abandonava à felicidade, sobretudo por compartilhar com o povo as pequenas vitórias do cotidiano"[12] .

Tinha admiração pelos professores de língua e literatura, via nesses profissionais o mesmo amor que ele próprio designava às palavras, a mesma luta árdua e a falta de reconhecimento pelo trabalho realizado. Nunca recusou o convite de um professor para debater suas obras com os alunos. Percorreu praticamente todo Brasil conversando com os jovens, ouvindo sugestões, críticas e opiniões, incentivando a leitura e a produção de

[12] Internet_Arquivos da Proleitura_dez.,1997, nº 17

textos. Os enredos de seus contos, giram em torno de personagens: *malandros, operários, jogadores de sinuca, crianças abandonadas e prostitutas*. Os cenários privilegiados de suas ficções geralmente eram *a periferia das grandes cidades, os salões de sinuca e a zona do meretrício*. Segundo Jorge Amado:

> João Antônio trabalha com o lixo da vida e com ele constrói beleza e poesia. Porque esse escritor soma ao talento e à experiência, o amor, a paixão pela gente que povoa seus livros admiráveis[13]

Antonio Candido, também externa expressiva considerações da obra literária de João Antônio, dando ênfase às questões sociais abordadas por ele:

> Os seus contos exploram quase sempre o chamado submundo, o outro lado que pagamos para não ver, ou para ver do palanque armado pelos distanciamentos estéticos. Mas ele nos arrasta para o centro da arena, por que é onde se instala, sem desprezo nem complacência, a fim de criar uma espécie de normalidade do socialmente anormal, fazendo com que os habitantes de sua noite, deixem de ser excrescência e se tornem carnes da mesma massa de que é feita a nossa. (PROLEITURA, pp. 3-5).

João Antônio, no conto "O Meninão do Caixote", escrito em 1987, publicado em 1996, em uma coletânea de contos, denominados *Patuléia __ Gentes da rua*, retrata a história de um jovem que vivia com seus pais, os quais uma vez ou outra se agrediam verbalmente, cena corriqueira em lares onde há falta de estrutura familiar, segundo relato no conto, sua mãe era um pouco mais velha que seu pai.

---

[13] Internet_Arquivos da Proleitura_dez.,1997, pp. 3-5

A família residia na Vila Mariana, onde o jovem era conhecido e tinha amizades com outros garotos, inclusive seu primo *Duda*. Agora em outro bairro, na Lapa, ainda não tinha amizades nem era conhecido.

Devido à situação econômica familiar e conjuntura social, seu pai não tinha opções de trabalho. Diante das circunstâncias, sendo proprietário de um caminhão, vivia em constantes viagens pelo Brasil afora, ausentando-se do lar freqüentemente. Sua mãe, para ajudar no orçamento familiar costurava quase dia e noite.

Num dia desses chuvosos, sua mãe pediu-lhe que fosse comprar leite, não encontrando nos arredores de casa, procurou em lugares longínquos. Sentia-se desolado pelas transformações que ocorreram em sua vida nos últimos tempos, mudança de bairro e a ausência paterna, neste dia foi retido no *Bar do Paulista* por causa de uma tempestade. Ficou assustado, observou atentamente o ambiente, tudo lhe parecia fúnebre: cheiro asqueroso, pessoas deprimentes, sem imaginar que este cenário faria parte de seu futuro.

Ao seu lado, estava o malandro Vitorino, que procura dialogar com ele, seduzindo-o pelo glamur de vida fácil, por perspicácia, nota o talento do garoto para a sinuca e lhe ensina tudo sobre o jogo. Aos poucos foi sendo influenciado pelo malandro que o inicia ao mundo dos jogos fazendo-o conhecer o mais alto escalão da malandragem.

Torna-se um viciado a jogo de sinuca, crescia seu jogo, atraindo jogadores de longe, que vinham ver-lhe jogar. Esta nova atividade, gera conflitos entre ele e sua mãe. Por várias vezes o Meninão tenta deixar o vício, mas Vitorino, como um vício ainda maior, sempre o trazia de volta às mesas, então virava o dia e a noite no jogo, novamente os conflitos com a mãe surgiam.

Esses conflitos geravam em seu interior um conflito ainda maior, achava dureza ter que ir à escola todos os dias, mas também não achava bom ser o Meninão do Caixote, *(...) dias largado nas mesas da boca do inferno, considerado, bajulado, mandão, cobra*[14]. Tinha noção que sinuca era ambiente de exploração e sabia que Vitorino lhe explorava. Ele era o patrão, por isso tinha que dividir a grana com ele, isso desgostava o Meninão, a cada conto de réis, na divisão, só ficava com duzentos. Percebeu que estava sustentando não só seu patrão, mas todos os que o rodeavam, ligados ao malandro Vitorino.

Levado pelo amor que tinha pela mãe, retornava aos estudos, não por muito tempo, pois lá vinha Vitorino com outra proposta de jogo, induzindo-o ao retorno do jogo. Este era um trabalho lucrativo para o malandro Vitorino.

Percebendo que era inútil tentar convencer o filho a abandonar o vício, a mãe resolve aceitá-lo como era. Um dia, o jovem fora tocado profundamente ao ver sua mãe humildemente lhe levar o almoço durante uma partida. Comovido com a cena acaba abandonando de vez o vício de jogar sinuca.

[14] ANTÔNIO, 1996_op. cit. p. 35

Analisando a Instituição Família

Centralizando o enfoque do tema em análise sob a óptica da *desestruturação familiar* - no contexto dos personagens Leonardo Pataca Filho e o Meninão do Caixote - torna-se necessário abordar questões relacionadas à estrutura familiar, ao longo da nossa história. Tomaremos, para considerar a respeito, os postulados de Giddens, que em seu livro *Sociologia uma breve porém crítica introdução*, caracteriza a família sob duas vertentes.

A primeira, denominada *família ampliada*, refere-se ao período feudal, época em que as famílias viviam agrupadas. Em outras palavras, trata-se da família que vivia sob forma de um aglomerado, cujos componentes se associaram pelo sangue, afeto ou parentesco. É o caso de pais vivendo em comunidade com os filhos casados e netos, ou com tios, primos e cunhados, no que segundo Giddens, *consistia o centro da produção econômica*[15].

Na concepção de família ampliada, referente até o século XVIII, as famílias eram uma unidade produtiva, ou seja, toda produção econômica era realizada na casa ou no terreno pertencentes às mesmas, e seus integrantes contribuíam para a atividade produtiva, até mesmo as crianças.

Entretanto, com o desenvolvimento do capitalismo essa concepção de família foi se deteriorando, colocando seus membros em locais de trabalho diferentes, houve a separação entre o local de trabalho e o lar, por volta do século XIX, resultando numa associação maior com o ambiente doméstico. A essa nova concepção de família,

---

[15] GIDDENS, Anthony. Sociologia uma breve porém crítica introdução. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1984. op. cit. p. 95.

designou-se o nome de *família nuclear* em que as *relações de parentesco eram restritas ao casal e sua progênie imediata.*

Ampliando os conceitos de desenvolvimento da vida familiar, segundo Stone_, reportando ao século XVI a XIX da sociedade européia, dispõe seus pressupostos em três fases: a primeira, *família de linhagem aberta*, embora centrada na estrutura de família nuclear, mantinham relações com outras famílias. O casamento assumia uma postura diferente entre as classes sociais, não era escolha pessoal, consistia em formar vínculos, alianças financeiras, a relação entre pais e filhos e maritais eram desprovidas de laços emocionais. Para a elite, casamento era um meio de assegurar a herança ou outras formas de assegurar vantagem econômica. Já em meio aos camponeses e artesãos era uma necessidade para a sobrevivência econômica.

Segundo Stone, antes do desenvolvimento nas sociedades capitalistas da época, surge um segundo tipo de vida doméstica, o qual Stone denomina de *família nuclear patriarcal restrita*, que vai do século XVI ao início do XVIII, nesta concepção, a família procura manter a sociedade à distância, ou seja, os que têm melhores condições procuraram projetar suas residências utilizando-se de corredores, com sala de visitas desvinculadas dos dormitórios, visando obter uma certa privacidade,.

Nesta fase , a família nuclear torna-se mais separada, a autoridade do chefe da casa foi reforçado no seio da família.

> Os sentimentos de lealdade que anteriormente vinculavam a família nuclear a outros parentes e grupos no âmbito de comunidade local foram atenuados, vindo a ser substituídos pela fidelidade ao Estado[16].

[16] GIDDENS, 1984_op. cit. p. 98.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Já no século XX surge o que Stone denominou de *família doméstica fechada*. O casamento passa a ser uma escolha pessoal antecedida por um período de namoro, segundo padrões diferentes de acordo com a classe, sendo influenciado por almejar um relacionamento afetivo ou *amor*. Esta evolução emocional não se limitou às relações maritais, como também se estendeu nas relações entre pais e filhos, o que resultou numa preocupação maior com uma educação apropriada para a criança. Contudo com o surgimento dessa nova fase no âmbito familiar não se romperam as estruturas familiares apontadas por Stone anteriormente, na verdade se constataram vários retrocessos e deslocamentos.

A obra, *Memórias de Um Sargento de Milícias,* remonta ao período histórico da Segunda metade do século XIX, o que segundo Giddens, neste período predominava como conceito de vida familiar, *a família de linhagem aberta*. Nota-se na família de Vidinha, resquícios de família feudal, conforme observa-se que ...

> (...) a família era composta de duas irmãs, ambas viúvas, ou que pelo menos diziam sê-lo, uma com três filhos a outra com três filhas (...) isto é, que naquela família havia três primos e três primas , e se agora acrescentarmos que moravam todos juntos (...)[17]

Entretanto, o personagem Leonardo não foi concebido ou se criou em um lar estruturado, que seguisse os padrões da época.

Já o conto "O Meninão do Caixote", contextualiza o século XX, ou seja, com os moldes de *família doméstica fechada*, observa-se que o Meninão vivia em um lar aparentemente estruturado, embora seus pais enfrentassem problemas de ordem financeira.

[17] ALMEIDA, 1993_op. cit. pp. 96-97.

Sobre o gênero: patriarcado surgiu manifestações feministas, já no final do século XVIII, como forma de protesto à condição imposta à mulher, conforme atesta Giddens:

> os feministas tem-se preocupado especialmente em analisar as origens do patriarcado, ou seja, a supremacia dos homens sobre as mulheres, não apenas no âmbito da família, mas também no contexto de outras instituições sociais[18].

Há uma discriminação à mulher que era subjugada a atividades domésticas, sendo a minoria assalariada, isto é, poucas recebiam pelo trabalho desempenhado. A mulher trabalhadora advinda de famílias operárias, além de trabalhar na fábrica tinha que realizar quase todos os afazeres domésticos. A grande maioria das trabalhadoras, eram jovens e solteiras.

Tendo como momento histórico, a emergência do capitalismo, é pertinente analisarmos, dada a estrutura familiar do Meninão, o papel de sua mãe, que pelas condições de vida desempenhava, tanto as atividades domésticas como o trabalho de cozer. Mediante a estas considerações, podemos estabelecer a coexistência de elementos comuns entre as condições de vida da mãe do Meninão e da mulher operária, diferindo apenas no local de trabalho: as operárias iam às fábricas enquanto a mãe do Meninão trabalhava em sua própria casa.

No entanto, nos países capitalistas avançados, o homem, ocupava-se com atividades denominadas de *colarinho branco*. Embora este fato tenha propiciado um espaço profissional maior para a mulher nos mais diversificados setores, não há ainda uma *igualdade sexual no interior do sistema produtivo.*

Observa-se uma crescente atuação da mulher no mercado de trabalho a partir da segunda guerra mundial, em especial das mulheres casadas, a mulher começava a

---

[18] GIDDENS, 1984_op. cit. p. 99.

ocupar cargos ou posições inteiramente reservadas aos homens, embora a condição trabalhista da mulher apresenta avanços não implica que isto venha alterar sua remuneração.

Giddens afirma que não foi o capitalismo que trouxe o patriarcado, no entanto, postula que:

> O desenvolvimento do capitalismo, juntamente com as mudanças pelas quais passaram as diversas formas de família descritas anteriormente, está associado a modos específicos de denominação sexual. Há sinais evidentes de conexão entre as divisões de gênero e o sistema de classes[19].

A resignação da mulher em tolerar circunstâncias de evidente discriminação profissional, tanto por parte dos empregadores como por parte dos homens trabalhadores, somado a sua própria concepção de colocar o casamento e a família em primeiro plano, não atuando com plena participação no sistema de trabalho industrial, inviabiliza a realização de plena igualdade sexual. Mesmo por que, a humanização do trabalho industrial capitalista não garantiria o fim da exploração sexual, já que esta está profundamente intrincada na família.

Apesar dos limites, mediante inventos revolucionários no setor industrial, alterando radicalmente as condições de vida: guerras de múltiplos contextos, ocasionando a inversão de valores sentimentais e éticos, superpopulação, fazendo mais acirrada e feroz a concorrência. A mulher de hoje, mais do que o homem, sente as conseqüências das alterações que sofreu o ambiente e seu esforço gigantesco para acompanhar a vertiginosa marcha do progresso e não ser por ela esmagada.

---

[19] GIDDENS, 1984_op. cit. p. 103

Estas modificações não ocorreram tanto no visual, na aparência, ocorreram no caráter, na personalidade. A mulher cultivou a inteligência, tomou parte de problemas sociais desenvolvendo, em conseqüência, uma forma agressiva de reagir, lançando-se a campo na luta profissional, nem sempre ao lado do homem, mas muitas vezes, como sua feroz adversária. Afastada do lar, o problema dos filhos e do seu bem-estar passou a ser um entre os vários.

Nesta conjuntura, a conservação da família, como único refúgio contra a solidão e conseqüente angústia, está nas mãos da mulher, só ela, intuitiva, analítica, persistente e sentimental, possui as condições para empreender esse momento transitório. Isto vem reafirmar a atuação e expressão da mulher em nossa cultura, sobretudo na qualidade de esposa e mãe.

Hoje se discute muito os valores da família, os quais ao longo da história têm tido diferentes conceitos para diferentes gerações, entretanto, independente da década, a família é o eixo central na formação do sujeito. É no seio familiar que o indivíduo vivencia suas primeiras experiências, se socializa com outros grupos, ampliando seu mundo, construindo sua própria identidade.

Nessa intrincada rede de interdependências a que chamamos sociedade, manifestações espontâneas, a partir dos contextos dos personagens Leonardo Pataca Filho e o Meninão do Caixote, apontam elementos comuns que são evidenciados nas obras *Memórias de Um Sargento de Milícias e A Patuléia.*

Em *Memórias*, o autor Manuel Antônio, busca, a partir das mentiras, farras e aventuras de Leonardo motivos para retratar tipos e costumes do Rio Colonial. Segundo alguns críticos ele é o primeiro malandro da literatura brasileira, alguns o apontaram como personagem picaresco, porém esta concepção não é compartilhada por todos, na

atualidade há uma postura divergente que modifica a concepção de pícaro inserindo-o na *dialética ordem x desordem, e no desmascaramento das mazelas de uma sociedade caracterizada pela risonha hipocrisia, pela acomodação através do jeitinho, pelo empreguismo e favorecimento ilícitos.* O trecho a seguir é um dos exemplos de favorecimentos ilícitos presentes na obra:

> (...) Maria Regalada tinha verdadeiro amor ao major Vidigal; o Major pagava-lho na mesma moeda (...) Maria Regalada recebeu-as com uma boa risada
> __ Que milagre de Santa Engrácia! Que fortuna ! que alegrão ! O que a traz por aqui ? Isto é grande novidade! ë novidade sim, respondeu D. Maria, porém triste novidade.
> Primeiro D. Maria, depois a comadre, contaram, cada uma por sua parte (...) Chegaram finalmente ao ponto importante, ao motivo que ali as levara: queriam nada mais que a soltura e o perdão do Leonardo, e contavam para alcançar semelhante coisa com influência da Maria Regalada sobre o Major[20].

O romance é rico em aspectos, que segundo Coutinho, podem ser de origem histórica, política, ideológica, filosófica e social. O aspecto histórico da obra relaciona-se ao fato do romance ser urbano e ao mesmo tempo um documento histórico, por descrever as crenças, os costumes, o dia a dia de um povo no tempo do rei. Segundo alguns críticos, o romance foi escrito num período anterior a independência, fazendo referencias ao século XIX, época de D. João VI.

Era no tempo do rei (...) este fragmento retrata o aspecto político presente no romance, que remonta à data da vinda da família real para o Brasil em 1808. O desenvolvimento que o rei proporcionou no setor industrial, educacional, cultural, aqui no Brasil.

Outro aspecto abordado é o ideológico, retratado no momento em que as comadres, se valem de pessoas da elite dominante, que detém poder e autoridade

---

[20] ALMEIDA, Manoel Antônio de. Memórias de Um Sargento de Milícias. São Paulo: Moderna, 1993. op. cit. pp. 13-134.

decisiva no meio social para obter favores. Isto fica evidente na obra quando Maria Regalada, em troca da soltura de Leonardo, se deu ao major. Fato ilustrado no trecho a seguir:

> A Maria-Regalada tinha por muito tempo resistido aos desejos ardentes que nutria o major de que ela viesse definitivamente morar em sua companhia. O segredo que Maria-Regalada dissera ao ouvido do major no dia em que fora, acompanhado por D. Maria e a comadre, pedir pelo Leonardo, foi a promessa de que, se fosse servida, cumpriria o gosto do major[21].

Quanto ao aspecto filosófico, na concepção de Afrânio Coutinho, as influências realísticas do filósofo espanhol Balzac, que pôs a fisiologia em moda. Balzac explicou em seu modo de ver, todos os sentimentos, todas as funções, os gostos, as ocupações, certos sacramentos e até certas desgraças. Tais fatores são também percebidos em Memórias, na fidelidade com que reflete a realidade da época. Coutinho coloca ainda, que nesse ponto é ele, Manuel Antônio, o nosso melhor historiador não da sociedade de seu tempo, como pretendia ser Balzac, no mundo da Comédia humana, mas da sociedade fluminense do tempo do rei, as Memórias[22]

Já o social, é evidenciado nos personagens que viviam às margens das regras sociais. Característica presente na súcia, apresentando a comparação entre Vidinha e Luizinha:

> __ Vamos levantar a súcia minha gente (...) Vidinha era uma mulatinha de dezoito a vinte anos, de altura regular, ombros largos, peito alteado, cintura fina e pés pequeninos; tinha os olhos muito pretos e muito vivos, os lábios grossos, os dentes alvíssimos, a fala era um pouco descansada, doce e afinada. (ALMEIDA, 1993_p. 95)

---

[21] ALMEIDA, 1993_op. cit. pp. 95-152.
[22] COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. – 4ª ed. Vol. 3 – pp. 350-351. ver. Rev. e atual. São Paulo: Global, 1997

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Outro personagem que vivia à margem das regras sociais é o banqueiro de uma roda de jogo, conforme mostra o trecho:

> Agora, quanto a sua ocupação ou meio de vida, que para muitos era, como dissemos, impenetrável segredo, o major Vidigal tanto fez que a descobriu: em dias designados da semana reunia-se no sótão onde ele morava certo número de pessoas que levavam até alta noite aí metidas: Teotônio era o banqueiro de uma roda de jogo.(ALMEIDA, 1993_p. 125.)

Há também os tipos humanos, alegorizados nos personagens dos ciganos, do pai de santo e na caracterização de um tipo da época "fofoqueiro," estes tipos humanos serão reportados nos trechos a seguir:

> Ciganos:
> Com os emigrantes de Portugal veio também para o Brasil a praga dos ciganos. Gente ociosa e de poucos escrúpulos, ganharam eles aqui reputação bem merecida dos mais refinados velhacos: ninguém que tivesse juízo se metia com eles em negócio, porque tinham certeza de levar carolo[23].

> Pai de santo:
> Essa sinistra morada era habitada por uma personagem talhada pelo molde mais detestável; era um caboclo velho, de cara hedionda e imunda, e coberto de farrapos. Entretanto, para admiração do leitor, fique-se sabendo que esse homem tinha por ofício "dar fortuna". _(ALMEIDA, 1993_ p. 27)

> Fofoqueiro:
> (...) José Manuel era uma crônica viva, porém escandalosa, não só de todos os seus conhecimentos e amigos, e das famílias destes, mas ainda dos conhecidos e amigos dos seus amigos e conhecidos de suas famílias.
> Debaixo do mais fútil pretexto tomava a palavra, e enfiava um discurso de duas horas sobre a vida de fulano ou beltrano.(ALMEIDA, 1993_ pp.71/72)

---

[23] ALMEIDA, Manoel Antônio de. Memórias de Um Sargento de Milícias. p. 32 São Paulo: Moderna, 1993.

No enredo, o autor busca no desfecho sócio-cultural da época, elementos a serem reportados por seus personagens. Um deles é a condição de vida imposta pela sociedade, a mulher casada daquela época ...

> Pois a vida de Luizinha, depois de casada representava com fidelidade a vida do maior número das moças que então se casavam: era por isso que as Vidinhas não eram raras e que poucas famílias havia que não tivessem a lamentar um desgostozinho no gênero do que sofreu aquela pobre família, que, indo ao Oratório de Pedra, viera dizimada para casa, e cuja história serviu de tema às intrigas da comadre, quando quis pôr a José Manuel fora do lance. (ALMEIDA, 1993_ p.130)

A mulher descrita na obra, contraria o gosto romântico, ela se apresenta como é, ao natural, gorda ou magra, tímida, mal vestida e desengonçada, enquanto a mulher descrita no romantismo é idealizada, linda, perfeita. O trecho a seguir reporta a mulher descrita nas Memórias ...

> (...) D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta apareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso (...) era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, é, como andava mal penteada (...) Trajava nesse dia um vestido de chita roxo muito comprido, quase sem roda, e de cintura muito curta; tinha ao pescoço um lenço encarnado de Alcobaça. (ALMEIDA, 1993_ pp. 65-66)

Na obra, há passagens que enfocam as diferenças sociais, uma delas é percebida através do distanciamento entre um fidalgo e um meirinha, conforme atesta-nos a citação a seguir. O acontecido se deu quando foram pedir ao tenente-coronel por Leonardo que estava preso ...

> Em poucas palavras o velho expôs-lhe o caso e lhe pediu que fosse falar a el-rei em favor de Leonardo.
> A princípio opôs ele algumas dúvidas, dizendo:

> __ Homem, pois eu hei de ir a palácio por causa de um meirinha ? (ALMEIDA, 1993_ p. 43)

Naturalmente, nosso herói Leonardo P. Filho, embora humilde, pertence a uma situação social bem protegida, não sofre adversidades sérias, permanecendo ingênuo e no mesmo ambiente social. Não emite nenhum ponto de vista sobre o mundo e termina abençoado pela sorte grande. "Antonio Candido não deixa de registrar certas semelhanças entre o herói picaresco e o nosso Leonardo, mas todas de ordem secundárias. Desse modo, constatadas as diferenças, Candido escreve":

> Digamos então que Leonardo não é um pícaro, saído da tradição espanhola; mas o primeiro malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil[24].

Fazendo uma retrospectiva na história sobre a humanidade, interagimos com múltiplas realidades contadas, escritas, lidas, constituindo assim um rico patrimônio cultural literário, evidenciando um homem dotado de curiosidade constante, vem daí o contínuo progresso do ser humano, sempre evidenciado pelas grandes descobertas, invenções que têm marcado o tempo e a história do mundo. Surgem grandes perguntas sobre questões relacionadas à origem do universo, ao aparecimento do homem, aos fenômenos da natureza, a existência de outros planos espirituais.

Estas, são indagações que vêm sendo feitas e refeitas sucessivamente pelo ser humano na busca contínua de conhecimento do espaço em que vive e de si próprio.

Mesmo que o progresso nos de a resposta científica para interrogações diversas, outras

---

[24] CANDIDO, Antonio. Apud. LARA, Cecília – Edição Critica de: Memórias de Um Sargento de Milícias. p. 322 – Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira.

explicações mais ligadas ao domínio do imaginário e do sonho continuam convivendo com as invenções e as descobertas de grandes pensadores. As realidades baseadas no devaneio, na imaginação e na magia constitui-se como gêneros narrativos muito particulares.

Os autores Manoel Antônio de Almeida e João Antônio utilizam-se de tais recursos focalizando a realidade sofrida, às vezes sórdida, daqueles que têm que trabalhar e muito, para sobreviver, inspirações que tecem nos enredos de suas obras. Ambos retratam o mundo que nos cerca cotidianamente, mas que insistentemente nós nos negamos a encarar, *seus personagens marginalizados não pedem a compaixão do leitor*. Sobre isto, Alfredo Bosi faz algumas considerações a respeito do trabalho de João Antônio:

> desse fundo turvo tirou João Antônio a linguagem lírica popular das histórias (...) tudo nelas é breve intenso e sintético, como o narrador imagina ser o andamento vital daquelas criaturas apertadas entre a urgência pícara de vencer a fome e o medo agudo da polícia ou do malandro mais forte[25].

Em outras palavras João Antônio coloca seus leitores no contato com espaço, situações e personagens contrapondo a outra face das imagens bem comportadas das novelas de televisão ou da literatura fantástica, cheia de finais felizes.

O fator competitivo estimula a adrenalina das emoções. As sensações de sucesso ou fracasso trazem ao indivíduo conseqüências com dimensões imprevisíveis, por ser um atrativo que o envolve e fascina.

No conto, "O Meninão do Caixote", a vida inglória de seus pais somado aos

---

[25] MACEDO,Tânia Celestino. Artigos – João Antônio. Internet, Proleitura – dez. 1997, nº 17.

estímulos do malandro Vitorino, que o estimulava a portar-se como adulto __ o que exigia entre outras características, *coragem ,valentia e ousadia* __ o jovem acaba tendo um esforço titânico de afirmar-se e libertar-se de tutelas, escondendo suas fraquezas e medos, iniciando-se, *o vício de bilhar*...

> Um dia peguei no taco. Joguei, joguei muito, levado pela mão de Vitorino, joguei demais (...) Eu era um baixinho como mamãe. Por isso para as tacadas longas era preciso um calço. Pois havia. Era um caixote de leite condensado que Vitorino arrumou[26]

Vitorino aparece como um "deus sádico," que proporciona a ele uma vida de malandragem, na qual ele conhecerá a fama, o respeito dos mais velhos, dinheiro fácil, e que lhe era a glória, não precisaria ir à escola se preparar para o futuro e conseguir bom emprego. Dando, inicialmente, pouca relevância ao fato de ser explorado por Vitorino.

> Para mim, Vitorino abria uma dimensão nova (...) Meninão do Caixote ... Este nome corre as sinucas da baixa malandragem (...) O jogo acabava, eu pegava os duzentos mil-réis, tocava para casa.(ANTÔNIO, 1996_ pp. 32-37)

Embora tudo aparentasse a gosto do Meninão, ele passava por fases de intenso conflito interno, relutava entre deixar o jogo e retomar a vida normal de antes. Somos sabedores de que deixar um vício não é tão simples, o Meninão tinha o agravante da influência externa adicionado às condições econômicas de sua família, o jovem por mais de uma vez tentara abandonar o vício, mas sempre retornava à mesa de bilhar.

Nada há de estranhável nessa incidência, uma vez que o jogo comparado ao vício das drogas, funciona como uma necessidade, proporcionando momentos de prazer e/ou desprazer à vida do viciado.

O Meninão cresceu presenciando as discussões dos pais, tais incidentes podem

---

[26] ANTÔNIO, 1996_ op. cit. pp. 32-33.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

até parecer normal nos dias de hoje, no entanto agressões fisicas ou verbais não devem ser presenciadas por crianças.

Fora privado da presença cotidiana de seu pai, assim como Leonardo. A situação econômica de sua família não era nada boa, em decorrência disso, sua mãe passava quase dia e noite aos pés da máquina de costura, na tentativa de reforçar o orçamento familiar. Essa falta de estrutura familiar influenciou de forma negativa na vida do jovem que se deixou levar por terceiros indo parar na roda da alta malandragem.

Já os conflitos pelos quais Leonardo passavam assumia dimensões de ordem tanto econômico-social quanto familiar, sendo mais profunda, as que tangem às relações familiares. Fora abandonado pelos pais, freqüentemente era ridicularizado e humilhado pela sociedade que não lhe dava crédito, os vizinhos de seu padrinho o insultavam constantemente, fora desprezado pelos primos de Vidinha. Contudo ele não entendia o porque de tais procedimentos.

A psicologia, com freqüência aborda a temática que trata da conduta do indivíduo perante o grupo e seu equilíbrio mental salientando a importância dos laços que se estabelece no seio da família, com pais e irmãos. Mecanismos de compreensão e projeção, sentimentos negativos e dissociativos ou positivos e associativos, geram-se e desenvolvem-se sob a inspiração desses personagens, Leonardo e O Meninão, entre os quais avulta, por sua importância a figura materna.

Num período que remonta ao século XIX, Leonardo, abandonado pelos pais, privado do convívio materno, procura através de suas mentiras, farras e aventuras __ perante uma sociedade materialista e agressiva __ ajustar-se para vencer na luta em que era obrigado a empenhar-se para sobreviver. Demonstrou manter um controle entre os valores sentimentais e racionais, de modo a levá-lo ao controle inteligente de seus atos e

de suas emoções.

O Meninão entretanto, não fora abandonado pelos pais, embora vivesse numa sociedade pós-guerra, a qual assinalou o início da marcha acelerada para uma nova ordem de concepções, para uma verdadeira revolução social. Os problemas, até aí mal delineados, surgem apresentando-se em toda sua complexidade, urgência e gravidade, hoje atingem o ápice, sem soluções. Entre os de maior relevância está o da orientação dos jovens.

Neste meio, o Meninão do Caixote tenta auto-afirmar-se. É como se nesse momento, fossem determinadas as linhas principais de seu destino, sua existência adquire um novo sentido. Esta afirmação ele busca através do jogo e da influência de Vitorino, já que seus pais estavam sempre ocupados com o trabalho ou envolvidos com as próprias atividades para lhe dar atenção e passar mais tempo com ele. Os pais não possuíam a visão de que os jovens que passam mais tempo com os pais se ajustam melhor.

Considerando a família, o primeiro espaço social com o qual a criança faz contato e nelas os conflitos emocionais se iniciam e, não raro, conservam-se vivos, refletindo no indivíduo, ao se relacionar com o meio, sentimentos mais nobres e outros parecem provocar os nossos piores aspectos, como poderia nossos personagens: Leonardo Pataca Filho e o Meninão do Caixote, terem atitudes diferentes das que tinham ?

O momento em que viviam os personagens, somado à falta de apoio da família, induzia-lhes a reações instantâneas. Felizmente essas atitudes não foram definitivas em suas vidas. Em dados momentos Leonardo se transforma, age impulsivamente mas às vezes tolera. O mesmo ocorre com o Meninão, hora se entrega ao jogo, hora resiste ao

vício, num esforço sobre-humano para superar não só ao vício como também a influencia maléfica de Vitorino.

Embora a diversidade de fatores contribuísse para que ambos seguissem o caminho da malandragem, das farras, da vida fácil, quando tudo apontava para uma dimensão catastrófica ouve um fator na vida de cada um _ *o amor*_ que mudaria o rumo dos acontecimentos, Leonardo tinha como motivação o amor por Luizinha e o Meninão, o amor por sua mãe.

Esse fator instaurado, tem um forte caráter motivacional em suas vidas, dando-lhes uma nova dimensão de vida social: o resgate de valores humanos, como a auto-estima, a honestidade, a esperança, diferentes dos valores do mercado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A complexidade da vida nos leva a percorrer caminhos estranhos e a viver certas circunstâncias um tanto inusitadas. No entanto, uma questão que neste período contemporâneo tem sido, a meu ver, de forte impacto, na formação do cidadão do século XX é desestruturação familiar. Levando em consideração o peso que esta exerce sobre a vida do sujeito, uma vez que é nessa interação com a família que o sujeito estabelece suas primeiras impressões com o mundo.

Fazendo uma retrospectiva na história na humanidade nota-se que mesmo, o homem preocupou-se em registrar fatos social, cultural, político e religioso que evidenciassem o seu contexto. Nos últimos dois séculos, a literatura registrou e evidenciou a evolução da sociedade, denunciando as questões nela existente às futuras gerações.

É pertinente ressaltar que muitos são os gestos de literatura e diferentes os textos que circulam nas instituições e grupos sociais. Textos literários refinados acabam convivendo com escritas voltadas ao puro entretenimento. Versões simplificadas de obras clássicas dividem o mesmo espaço com os originais que lhe deram vida.

Ao lermos *Memórias de Um sargento de Milícias* e o *Meninão do Caixote*, nos deparamos com uma situação histórico-social, onde os dramas focalizados acontecem diante do leitor e se exibem em sua inteireza, dando a idéia do cenário completo. Essa realidade descrita, pode ser passada com mais profundidade, quando comparada à nossa realidade perceptível e traduzida no discurso comum das pessoas.

Enquanto adultos, gostamos que tudo caminhe conforme as nossas vontades. Diante de um outro adulto, em uma relação de igualdade, fica mais difícil impor nosso

modo de pensar, mas, diante de adolescentes ou de pessoas submetidas à nossa autoridade, geralmente nos impomos. Sem perceber, bloqueamos os projetos e os sonhos dessas pessoas, tal fato acontecia com nossos personagens.

A impressão que Leonardo tinha, era que as pessoas não faziam caso daquilo que ele trazia dentro de si, que ele não tinha valor, ou seja, não tinha nada para oferecer, a não ser o seu corpo, esvaziado de sua personalidade, - seus desejos, sentimentos, idéias - sendo estes fatos mais reais em sua vida do que na vida do Meninão.

Outrossim, não respeitar a individualidade do ser humano, é um fato comum, não só nas relações sociais mas também nas relações familiares. Segundo a concepção psicológica estas atitudes degradantes tornam o adolescente revoltado - contra o que considera humilhante - a revolta estende-se à causa da humilhação; pressionado o jovem reage, não raro, pela violência.

Há no adolescente, uma grande inquietação que decorre das transformações espirituais que se processam em sua mente, ele não modifica só o corpo, mas, também a alma. Veja o caso de Leonardo Pataca Filho e o Meninão do Caixote, ambos ansiavam por aniquilar aquela fase de artificialismo e dependência, embora este anseio fosse apenas como um grito entalado na garganta: - Leonardo: *eu quero ser amado! Preciso de uma família*; - O Meninão do Caixote: *não sou criança! Sou um homem e quero ser tratado como tal!*

Em nossa cultura, dado o desamparo característico da infância, há um longo período de dependência em que a proteção é necessária. O que acontecia no passado é que as forças tradicionais eram muito fortes e os pais, principalmente o pai, representava uma autoridade incontestável. Entretanto, a partir da primeira grande guerra o mundo se convulsionou e dessa convulsão muita coisa pútrida emergiu e

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

muitos ídolos (mito) esfacelaram-se caindo por terra. Os jovens revoltaram-se contra o sacrifício de suas vidas, a semente da rebeldia estava lançada.

Embora os personagens Leonardo Pataca Filho e o Meninão do Caixote tenham sobrevivido às mais adversas atrocidades, ocorreu um fato importante que lhes permitiu resgatar parte de sua integridade humana, iniciando-se a um novo capítulo em suas vidas.

Esta referência literária, nos apercebe da responsabilidade inegável e comum a todos, que de forma direta ou indireta somos, agentes efetivadores e transformadores da educação; e faz-nos entender também a necessidade de uma atuação mais intensa, no convívio social, buscando resgatar valores éticos, sociais e culturais - tão essenciais para uma vida digna.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Manuel Antônio. Memórias de Um Sargento de Milícias. São Paulo: Moderna, 1993 - Coleção travessias.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS M.ª Helena Pires. Filosofando: Introdução à Filosofia - 2ª ed., rev. e atual. - São Paulo: Moderna, 1993.

COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. (Era Romântica) - 4ª ed., vol. 3. ver. e atual. - São Paulo: Global, 1997.

FILHO, Domício Proença. A Linguagem Literária. 5ªed., Editora Ática -série Princípios São Paulo (SP) 1995.

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 3ª ed., Editora Cultrix Ltda. São Paulo (SP) 1994 / 97.

_____. (org.) O Conto Brasileiro Contemporâneo. São Paulo:Cultrix, 1992 / 97.

MOISÉS, Massaud. Criação Literária. Ed. Cultrix. São Paulo, SP - 1997.

PINO, Angel. O conceito de mediação semiótica em Vigotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. In.: CADERNO CEDES, 24, p. 32-43. Campinas-SP. Papirus 1991.

SODRÉ, Nélson Werneck – História da Literatura Brasileira. 9ª ed., - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.